

Habitação e *design*. Um estudo comparativo entre residências em Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil, e Columbia, Missouri, E.U.A.

Sandra Christina Gressler

Graduada em Ciências Agrárias, mestre em Architectural Studies, University of Missouri-Columbia, Columbia, MO, USA, Rua Ediberto Celestino de Oliveira, 2825, Vila Corumbá, Dourados, Mato Grosso do Sul, SP, CEP 79806-050, (67)3422-4429, jsimioli@uol.com.br

Resumo

O presente artigo procura apontar os fatores que influenciam a forma da casa. Explora o uso e significado da casa; a mulher na casa; a organização do espaço doméstico; a estrutura familiar, clima e topografia como fatores modificantes. Através de entrevistas, observações e análise de plantas baixas foram investigadas amostras de residências das cidades de Dourados, Brasil e de Colúmbia, Estados Unidos. O estudo evidenciou que as características culturais físicas, fatores socioculturais, sociopolíticos e econômicos influenciam a forma da casa. Pode-se afirmar que a forma da casa é determinada através dos fatores que criam a singularidade de cada grupo cultural.

Palavras-chave: Casa, Brasil, Estados Unidos da América.

Introdução

A casa não é apenas uma estrutura; ela é uma instituição criada para uma série de propósitos. Construir uma casa é um fenômeno cultural; sua forma e organização são influenciadas largamente pelos arredores ao qual ela pertence (AMOS RAPOPORT, 1969).

As idéias de Rapoport são aceitas por muitos estudiosos da área. Para eles, a casa (residência) é a forma física de construção mais central para a vida do ser humano, diferindo na forma e organização devido às questões culturais. Essas diferenças alicerçam-se na composição dos residentes, posição e função da mulher na família e na casa, valores sociais referentes à habitação, estilo de vida, tecnologia e materiais disponíveis, entre outros.

Arias *et al* (1993) escreveram que pequenas evidências empíricas estão disponíveis sobre a forma com que diferentes grupos realmente organizam

e usam seu espaço doméstico. Jon Lang (1987) enfatizou que apreender essas diferenças culturais e sociais é fundamental na formação e nos trabalhos dos designers ambientais. Bernard *et al.* (1993), no estudo "*The Interior Use of Home: Behavior Principles Across and Within European Cultures*", constataram que o método comparativo fornece uma das mais generosas bases para especulação sobre comportamento específico. Justificaram, ainda, que observações em diferentes países ajudam a mostrar a especificidade dos comportamentos e como eles emergem das várias interações entre fatores físicos, sociais, e/ou culturais.

Francescato (1993) continua com a mesma forma de abordagem, falando que, ao planejar, desenhar e construir casas para pessoas viverem, são envolvidos arquitetos, políticos, planejadores, engenheiros, técnicos e todos os tipos de empresários da construção civil, bancos, construtoras, indústrias

de materiais e muitos outros, que poderão se beneficiar com esse tipo de estudo.

Rapoport (1969) escreve sobre o homem moderno, dizendo que este também perdeu a imagem compartilhada da boa vida e seus valores, a não ser que se possa dizer que ele compartilha imagens sem imagens. Joshua Meyrowitz (1985) menciona que as telecomunicações, especialmente a televisão, afetam as pessoas primeiramente, não pelo seu conteúdo, mas alterando a posição geográfica na vida social. Por outro lado, Relph (1993) afirma que as telecomunicações mudam tudo, enquanto representam que nada foi mudado.

A partir de um documentário apresentado em 1989, é possível inferir que uma das formas mais interessantes de propaganda na sociedade ocidentalizada está vinculada à influência da mídia, principalmente de imagens, em que um produto (ou idéia) é anunciado por um longo período de tempo e em diferentes formatos de mídia. As idéias e imagens são apresentadas com tanta frequência que, após um curto período de tempo, parecem fazer parte da realidade, ficando difícil não adquirir o produto ou agir daquela forma. “Quem seleciona as imagens da TV, quem decide como elas devem ser organizadas e para qual propósito? Para outorgar poder a nós como cidadãos, ou para nos agradar como consumidores de imagens e produtos.” (PERLMUTTER, *CONSUMING IMAGES*, 1989).

Acrescenta-se que boa parte da mídia e dos programas patrocinados espelha valores, cultura e estilos de vida norte-americana. “É tal a influencia dos programas norte-americanos e dos norte-americanizados sobre os grandes e diversos estratos sociais e idades, que muitos não são capazes de distinguir entre a modernização, e a ocidentalização, entre o que pode enriquecer ou matar sua própria herança cultural” (ALÍ, 2002).

As forças e pressões são mais complexas para o homem contemporâneo, e o elo entre forma, cultura e comportamento é mais frágil ou possivelmente mais difícil de estabelecer e identificar, argumenta Rapoport (1969). A presente era é uma era de reduzida restrição física. Pode-se fazer muito mais do que era possível no passado, e com menos crítica. O problema é o excesso de opções, a dificul-

dade de selecionar ou achar limites, os quais apareciam naturalmente no passado e são necessários para a criação de uma forma significativa de casa.

Arias (1993) complementa, dizendo que o mundo todo se move no balanço de forças centrífugas e centrípetas que operam em quase todos os níveis do funcionamento humano – de macro-políticas, com os eventos sociais, até as micro-pessoais e individuais. Forças centrífugas, muitas vezes, operam no esforço de empurrar o ser humano na busca de individualidade, exclusividade e distinção dos outros.

Atualmente, com a globalização e os avanços nos meios de comunicação, de transporte e de comércio, quando a tecnologia e materiais podem ser comprados e utilizados em qualquer parte do mundo, questiona-se se ainda há espaço para diferenças nas residências entre duas cidades, situadas em dois países – Brasil e Estados Unidos. Pergunta-se se o progresso, a praticidade e o conforto substituíram a tradição, e se, no mundo moderno, as diferenças culturais são significantes.

A motivação para esta pesquisa não é descobrir um novo elemento ambiental e comportamental dentro do aspecto das observações interculturais, mas, sim, clarificar o entendimento desse fenômeno. Mais especificamente, este estudo visa apontar o que influencia a forma da casa. Nessa direção, pretende-se explorar o uso e significado da casa; a mulher na casa; a organização do espaço doméstico; a estrutura familiar, e clima e topografia como fatores modificantes.

Revisão de literatura

Considerações iniciais

Atualmente, com os meios de comunicação e meios de transporte com ligações globais, pode-se afirmar que as transferências do conhecimento, da tecnologia, e de materiais não seriam fatores limitantes na escolha da forma da casa. Também, hoje, são compartilhados valores estéticos, comportamentais e morais.

A sociedade sofre influências constantemente. Rapoport (1969) estudou os fatores que determi-

nam a aceitação ou a rejeição das novas influências no que se refere às residências. Para Rapoport, a substituição das formas antigas geralmente é devida ao prestígio que existe em novidades, e não pela falta de utilidade ou mesmo insatisfação referente a um particular modo de viver. Há, porém, valores de soluções passadas que estão embutidos no processo de inovação, da mesma forma que políticas e intervenções, através de leis, diminuem a velocidade e ansiedade nas mudanças. Algumas vezes, inovações podem influenciar a forma de uma única casa, outras vezes podem modificar a formação de uma comunidade inteira.

Uso e significado da casa

A primeira palavra que vem à mente quando se pensa em casa provavelmente é a de abrigo. De acordo com Rapoport (1982), homínidos fizeram construções, em Olduvai Gorge, na África, há quase dois milhões de anos atrás. Isso veio depois das ferramentas de pedra, mas antecedeu o uso do fogo. A região, de clima favorável, tornava o abrigo algo quase desnecessário. Sendo assim, essa antiga origem da casa necessita outra explicação. Uma das prováveis hipóteses foi a de ser um lugar especial onde a comida era trazida para ser compartilhada. A casa tem uma extraordinária difusão através dos tempos, bem como através dos espaços: ela é encontrada em todos os locais, não importa quando, em que os seres humanos tenham vivido.

Continuando com a linha de pensamento de Rapoport, animais também constroem; mas a construção humana é mais complexa que a de outros animais, com relação ao seu propósito. O significado e o propósito da casa refletem diferentes comportamentos humanos, bem como diferentes tipos de atividades no ambiente próximo. O local específico, denominado casa, precisa ser descoberto e não deve ser presumido mediante limitadas experiências culturais. De fato, o mais impressionante aspecto da casa é sua inigualável diversidade diante de diferentes grupos humanos. Como explica Rapoport (1982), devem existir mais de mil tipos diferentes de habitações, variando na forma, aparência, materiais, tamanho, organização espacial e, também, no seu significado.

Para Rapoport (1969), a forma que a casa assume depende de como abrigo, residir e necessidade são interpretados através de diferentes culturas e em diferentes períodos. Ele escreveu que alguém poderia indicar as necessidades de respirar, comer, beber, dormir, sentar, ou amar, mas isso diz muito pouco; o que é importante com relação à forma do prédio é o caminho culturalmente definido da maneira como essas atividades são executadas. Rapoport (1969) reforça que as características das construções residenciais variam, dependendo da escala de tolerância ou intolerância a algum dos aspectos das atividades diárias e que a escolha humana também reflete diferentes interpretações de conceitos, como privacidade e territorialidade. Dessa forma, as relações básicas, como composição familiar, posição da mulher e interação social constituem atributos significantes para a maneira de viver, e também irão afetar a forma da construção.

Despres (1991) listou e categorizou o significado de casa na cultura norte-americana durante os anos de 1974 a 1989, quando foram analisadas residências de famílias nucleares morando em casas unifamiliares (não geminadas, em sua maioria). Despres identificou categorias que incluem segurança física, controle, características dos materiais da residência e da vizinhança; significado legal e econômico, como propriedade e investimento; significados cultural e simbólico associados com expressão própria, segurança emocional e *status* social; significados temporários de permanência e continuidade; e significado social conotando família, amigos, e atividades sociais.

Já o estudo de Saunders (1989) enfatiza que o apego à casa é escalonado conforme a duração da residência. Isso é, principalmente, o resultado de uma casa ser a materialização de recordações passadas. Esse aspecto do significado da casa pode ser relacionado com permanência e continuidade, o que fundamenta as mudanças nos diversos significados da casa que ocorrem durante o curso de uma vida.

Entre a maioria dos autores consultados, existe quase unanimidade em afirmar que a casa exerce uma função central na existência e no enraizamento dos seres humanos.

Brent e Schwarrz (1995) enfatizaram que o uso da casa dá o seu significado, e que, ao mesmo tempo, o significado influencia a forma com que a casa é usada. Os autores, também, descrevem a casa como o local do qual se parte e para o qual se retorna como refúgio do mundo exterior, como um local onde as necessidades do território humano são satisfeitas do ponto de vista de segurança e controle, indo até a personalização. A casa também preenche uma hierárquica lista de necessidades humanas, como fornecer abrigo, conforto psicológico através da luz, da temperatura, do asseio e do fácil movimento. Adicionalmente, a casa fornece o centro para a família com relação às necessidades psicológicas de privacidade (mesmo com conflitos internos) e descanso, assim como de convívio com amigos, como interação e postura social.

Rapoport (1969) sugeriu duas classificações na forma de construções: a) primitiva pré-industrial e b) moderna e alto estilo. Podem-se usar essas categorias como uma delimitação no que se refere ao significado e uso da casa durante a história da civilização.

O primeiro e mais primitivo uso da casa está simplesmente associado às necessidades de sobrevivência, do compartilhamento da comida, de refúgio contra predadores para os jovens e vulneráveis, de modo temporário, semi-permanente ou como abrigo móvel. Mais tarde, com o desenvolvimento de sistemas de agricultura e da domesticação de animais, o homem fixou-se em determinados locais, construindo suas casas, onde, conseqüentemente, surgiram pequenas vilas.

Na antiga expressão da casa européia, a residência era uma mistura de estocagem (incluindo animais e outros itens), local para dormir, trabalhar e viver. Outra forma foi a casa medieval, que era uma mistura de proteção, local doméstico, local para viver, local de troca, de estocagem e de trabalho. Na proposta medieval, as casas eram abertas para as ruas, construídas de forma geminada com formas longas e compridas. Birch (1982) ressalta que a maioria das casas, no final do período medieval, era quase inabitável, devido ao aglomerado (densidade populacional elevada), e as precárias condições sanitárias contribuíam para a disseminação de pragas e doenças. Ressalta, também, que, no final do pe-

ríodo medieval, os cidadãos haviam criado o protótipo das casas que iriam dominar a forma urbana de construções do século dezanove – os corredores de casas geminadas.

Durante a revolução industrial, as necessidades humanas relacionadas com a casa tiveram grandes alterações, quicá as maiores de qualquer outro período. Por mais que as casas continuassem sendo erguidas em longas e massivas construções, abrigando a expressiva população vinda de áreas rurais, a casa não era mais um local de produção e troca, ou de estoque ou processamento de comida. À época, já havia facilidades para comprar diariamente o alimento. Em adição, havia um acesso fácil aos aparelhos domésticos e benfeitorias. A possibilidade de compra de mercadorias aumentou a distinção daqueles que podiam ou não podiam comprar, ampliando as diferenças sociais, expostas através da casa, de forma mais explícita do que nas épocas anteriores, em que as habilidades manuais e de produção dos residentes eram valorizadas.

Durante esse período, segundo relata Wright (1982), o foco em cada família, particularmente em seu *status* social, é testado e ampliado de forma exagerada, exposto através da arquitetura da casa. A casa passou a ser, assim, para os não nobres, um símbolo de *status* e poder aquisitivo.

A casa contemporânea descrita por Barbey (1993) é de longe mais individualizada e seu desenho foi influenciado pela propaganda. Com a alteração da composição familiar, tornou-se evidente, nos últimos anos, a redistribuição das funções da casa. Os espaços domésticos e de trabalho, que foram separados durante o último século, tendem a se unir novamente, uma vez que existe uma tendência de os profissionais trabalharem em casa. É possível que as pessoas identifiquem-se de forma diferente em um local com múltiplas funções do que num local unicamente utilizado como dormitório.

A mulher e a casa

Apesar da variedade de relações existente e diferentes arranjos familiares, as mulheres ainda são o ponto focal na maioria das formas familiares no mundo afora. A maternidade, assim como o alei-

tamento materno, são atividades da espécie humana ainda relacionadas ao sexo feminino. Em conseqüência, existe uma conexão imediata com relação às mulheres, bebês recém-nascidos e cuidados de crianças, além de uma expectativa da sociedade para esse fato.

Segundo Rapoport (1969), em algumas culturas, a casa é única e primeiramente para a mulher; muitos homens nem possuem uma. De fato, nem todas as sociedades têm o mesmo entendimento quanto ao que significa casa (como um domínio). Para Franck (2002), a divisão entre gêneros é uma das características marcantes entre culturas. É esperado que mulheres e meninas tenham um comportamento diferente e assumam diferentes responsabilidades do que os homens e meninos. Essas diferenças são relacionadas diretamente ao fato de que ações e experiências no ambiente construído divergem; conseqüentemente, a influência de barreiras geográficas e atitudes depende do sexo da criança. Isso se torna claro, refletindo o conceito de que a mulher pertence ao entorno da moradia da família e os homens, em geral, têm acesso fácil a lugares distantes de suas residências.

Para Franck (2002), a organização espacial e social desses dois domínios (público /privado), a atividade seguida, o significado que eles têm e a extensão na qual o movimento feminino é restringido, todos se diferenciam culturalmente e historicamente, mas a tendência de dividir o ambiente doméstico em domínios sexualmente assimétricos (ou espaço privado) e o espaço público parece existir em todos os locais do mundo.

Patrícia Gardiner (1992), entretanto, afirma que a dicotomia local público/privado não é abrangente para todas as mulheres, mesmo na sociedade norte-americana. Rapoport (1969) afirma que, uma vez que a privacidade é ao menos influenciada pela posição da mulher, pode-se esperar encontrar consideráveis variações na definição de privacidade, como ela é atingida, e quais são as considerações importantes.

É de extrema importância entender as diferenças culturais com relação à exposição sexual e ao pudor, para se entender privacidade e a forma da casa. Podem-se usar exemplos como os banhos

públicos no Japão, a liberdade na exposição do corpo presente em muitas sociedades indígenas, e a proibição da exposição do corpo existente entre grupos no oriente médio. Pode-se, ainda mais, mesmo comparando um grupo culturalmente homogêneo, achar diferentes expectativas com relação à vestimenta da mulher, dependendo do ambiente onde ela se encontra e das regras sociais (praia, casa, ruas públicas, igrejas, etc.).

Nos Estados Unidos da América, durante a segunda metade do século dezenove, acreditava-se que a mulher deveria ficar em casa e ali esperar o marido trabalhador, longe dos perigos da cidade.

Segundo Wright (1982), na virada do século, houve uma reação contra a visão da domesticidade, estimulada, em parte, pela demanda por parte das mulheres por uma vida fora de suas casas, bem como por um novo estilo arquitetônico. Simplicidade e eficiência tornaram-se chave para residências: fachadas e espaços internos foram destruídos e paredes regulares foram retiradas para amenizar as superfícies, e desnecessários badulaques foram removidos.

Durante a segunda guerra mundial, com a necessidade de se substituir a mão de obra masculina e a invenção da pílula anticoncepcional, colocou-se a mulher norte-americana em outra posição na sociedade. Mulheres eram recrutadas para preencher os cargos e funções dos homens, agora soldados lutando fora do país. O mercado de trabalho, anteriormente, em sua grande maioria, composto pelo universo masculino, agora permitia à mulher ocupar em massa esse espaço, abandonando a postura submissa e doméstica existente no passado. A autonomia financeira e o controle da natalidade por parte das mulheres alteraram significativamente o papel feminino na família e na casa, alterando também a forma e função da casa.

No Brasil, ainda se encontra o conceito mais primitivo de família, pelo qual a submissão e a domesticidade por parte da mulher predominam. Esse conceito é observado juntamente com padrões familiares de total independência feminina existentes no mundo moderno. As principais diferenças encontradas no Brasil são basicamente vincu-

ladas a regionalismos culturais, classe social e econômica, além de nível de escolaridade.

De acordo com Melo (1998), baseado no censo (IBGE, 1995), o serviço doméstico ainda representava a maior ocupação, cerca de 19% das mulheres brasileiras; ele enfatiza que (naquela época) quase cinco milhões de mulheres ocupavam cargos domésticos. Devido às disparidades econômicas regionais, ainda é muito comum encontrar regiões onde esse serviço existe sem vínculo legal. Santos *et al.* (n.d.) enfatizam que o serviço doméstico, sempre ligado aos cuidados das crianças, foi, no Brasil, essencial para libertar a mulher da classe média das obrigações domésticas, possibilitando, dessa forma, que ela seguisse uma carreira profissional. Para Melo (1998), isso mostra que o emprego doméstico não representa apenas o mercado de trabalho, mas, também, representa um estilo de vida, no qual as mulheres ainda continuam responsáveis pelas tarefas domésticas. Melo mostra que, no período de 1970 e 1980, a participação da mulher nos serviços públicos aumentou 92%, quando comparado com 43% do aumento do serviço doméstico remunerado. Isso significa que, na década de 1970, a mulher aumentou significativamente sua participação em outras atividades que não a doméstica ou informal. Entretanto, o serviço doméstico remunerado ainda tem uma importante função: absorver mulheres menos escolarizadas e com pouca ou nenhuma experiência profissional fora do lar.

Atualmente, segundo dados de 2005 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad/IBGE), existem no Brasil cerca de 6,6 milhões de pessoas no trabalho doméstico, das quais 93,4% são mulheres. De todas as mulheres que trabalham no país, 17% são domésticas. A maioria das trabalhadoras domésticas possui pouca escolaridade. De acordo com o relatório da OIT, nas regiões metropolitanas, mais de 60% têm o ensino fundamental incompleto. Em duas capitais pesquisadas pela OIT, Salvador e Brasília, mais de 20% do trabalho doméstico era realizado por mais de 20% do total de jovens entre 18 e 24 anos com alguma ocupação. O censo brasileiro também mostra que as mulheres têm um nível educacional mais alto que os homens; no entanto, as mulheres ainda recebem menores salários, além de trabalharem por

mais anos. Há menos pessoas idosas do sexo feminino recebendo aposentadoria ou pensões. O número de mulheres que se casam entre os 15 e 18 anos é cinco vezes maior que o de homens. Esses dados servem para sustentar conceitos antigos relacionados com o gênero, e comprovar a dependência financeira da mulher, ainda nos dias de hoje.

Organização do espaço doméstico: privacidade, territorialidade, e relações sociais

Altman e Chemers (1984) definiram privacidade como sendo o controle seletivo do acesso ao espaço pessoal: não é a inclusão ou exclusão dos outros que é vital para a definição pessoal, mas a habilidade de regular esse contato quando se deseja. Lang (1987) definiu privacidade como a habilidade de indivíduos ou grupos controlar a sua interação visual, auditiva e olfativa com os outros.

Ainda Lang (1987), citando Westin, afirma que existem vários tipos de privacidade, cada uma servindo a um diferente propósito. Nela estão incluídos *local ermo*, ou o estado de ser livre das observações dos outros; *intimidade*, ou o estado em que mesmo com outra pessoa se está livre do mundo externo; *anonimato*, o estado de ser desconhecido, mesmo em uma multidão; e *reserva*, o estado no qual a pessoa se utiliza de barreiras psicológicas para controlar intrusões não desejadas.

De acordo com Altman e Chemers (1984), o processo de regulamentação da privacidade é tão central para o funcionamento humano que está presente em todas as culturas, apesar de diferirem a regulamentação propriamente dita, ou o grau no qual o contato é regulado entre membros ou não membros, e o mecanismo de controle. Na maioria dos casos, o mecanismo utilizado para regular a privacidade pode ou não ser ambiental. Como exemplo de uma regulamentação ambiental, pode-se citar o uso do espaço e a distribuição do espaço, recuo físico e distanciamento; exemplos de regulamentações não ambientais incluem práticas e costumes culturais, comportamentos verbais e não verbais e comportamento social.

Brown (1987) identificou diferentes características estruturais dos territórios, bem como formas diferentes de demarcação territorial e defesa do espa-

ço. As características estruturais do território são as interações da ocupação (espaços público, secundário e primário); tempo (duração ou permanência de estadia); estabelecimento de intenções, estabelecimento do alcance, respostas a invasões; e relacionamento estrutural-funcional. Brown descreveu diferentes tipos de território que, em vários graus, são usados para diferentes funções, como organização, previsibilidade, controle, identidade, propriedade, e ligação ao território. Para as formas de demarcação e defesa do território, Brown ressaltou os marcadores físicos do território, os defensores sociais do território, os marcadores territoriais não verbais, as características dos ocupantes do território, e os estilos de ocupação do território e de invasão de território.

Realmente, a organização do espaço doméstico é amplamente influenciada pela forma com que o grupo defende a privacidade da família, a composição da família, e as interações entre membros da família e não familiares (pessoas desconhecidas). Os relacionamentos sociais constituem um atributo significativo do estilo de vida (*genre de vie*) que irá afetar a forma da construção.

Altman e Chemers (1984), citando o estudo de Bochner's (1975), apresentam diferentes culturas asiáticas e seus arranjos na casa, baseados no modo de viver e na relação pais/filhos, na segregação sexual e nos espaços religiosos. Low e Chambers (1989), em seu livro *Housing Culture and Design*, revelam inúmeros estudos de diferentes países em que todos apresentam uma clara organização do espaço doméstico, baseando-se na existência de um parâmetro cultural de comportamento relacionado com sexo/idade.

É através do parâmetro sexo/idade que a sociedade interpreta suas transações no espaço, de acordo com sua cultura e crenças. Sandar C. Howell (1989) relata que estudos da distribuição do espaço doméstico em diferentes sociedades sugerem fortemente que a aplicação dos conceitos de privacidade formulados por populações da sociedade americana urbanizada pode ser irrelevante, mesmo não saliente, ou até mesmo ambígua para os grupos residentes não-americanos e para o funcionamento de populações de acordo com as regras pré-industriais de organização da sociedade.

Howell (1989) também confirma a interação dos gêneros e gerações como um processo evolutivo no que se refere à percepção e ocupação do espaço doméstico, e a dinâmica de mudanças nas residências devido à interação cultural. De fato, a mistura entre culturas no desenho ambiental e na regulamentação das cidades é, de acordo com muitos pesquisadores, um dos principais fatos para o caos urbano em muitas cidades, em diferentes países.

Rapoport (1969) sugere que, ao se olhar na escala da casa ou cômodo e como ele é usado, podem-se achar diferenças significativas entre culturas aparentemente industriais e modernas. Ele reforça, também, que as características de construções residenciais variam, dependendo da escala de tolerância ou intolerância a alguns aspectos dos afazeres diários.

Clima e topografia como fatores modificantes

E. B. White, citado por Rapoport (1969), afirma ser pessimista sobre a raça humana, porque ela é muito esperta para seu próprio bem. Sua relação com a natureza é a de mantê-la submissa. A raça humana teria melhores chances de sobrevivência se se acomodasse neste planeta e o apreciasse, ao invés de vê-lo de forma céptica e ditatorial.

Seres humanos são criaturas muito adaptáveis – há pessoas morando nos lugares mais remotos e nas partes mais extremas do globo. Devido a essa condição, poder-se-ia esperar que as tolerâncias do corpo humano à umidade, luz e vento seriam significativamente diferentes, comparando-se diferentes grupos (Brebner, 1982).

Rapoport (1969) questionou se construir seria um ato universal ou natural. Ele relata que, de um lado, mesmo nos mais desconfortáveis climas, algumas tribos viviam sem “casa”, quando, por outro lado, em alguns climas muito agradáveis, outros grupos construíam casas complexas. Algumas construções podem ser descritas como soluções climáticas, outras, de seu ponto de vista, podem ser consideradas como opções anticlimáticas.

É notável, entretanto, que, mesmo em microclimas semelhantes, diferentes etnias escolham diferen-

tes materiais e formas para suas casas. Essa idéia básica volta ao entendimento do significado e uso da casa, sua estética, sua importância social, bem como materiais e tecnologia disponível. Rapoport (1969) enfatiza: com os recursos e a hostilidade do ambiente onde os Esquimós vivem, seria muito diferente para eles construir uma cápsula espacial, referindo-se às opções de materiais e espaços confortáveis para trabalhar e assim por diante.

Entretanto, pode-se afirmar que a forma da casa é determinada não apenas por um único fator, mas por muitos, refletindo as escolhas do ser humano realizadas em uma rede de opções, criando exclusividade cultural. Apesar do fator climático não ser suficiente para justificar o alcance e a diversidade das formas da casa, o clima é, entretanto, um aspecto importante das forças que geram formas, e tem grande efeito sobre as formas que o homem pode desejar construir para si próprio.

Realmente, homens primitivos criam residências com maiores preocupações, uma vez que a margem de erro poderia resultar na necessidade de reconstruir, o que redobraría seus esforços, e também na sua exposição às dificuldades criadas pela força da natureza. Alguns construtores, sob severas circunstâncias climáticas, demonstraram mais precisão em noções como: materiais disponíveis, possíveis formas do prédio, topografia, e microclima. A economia do sacrifício em recursos conduz para melhores idéias da característica física dos materiais disponíveis, bem como ao local e posição nos quais a casa deveria ser construída. Pode-se concluir que a forte base do conhecimento referente ao processo construtivo era um dos muitos fatores que levavam os imigrantes a confiar nas suas formas de construção; eles se prendiam a elas mesmo quando se mudavam para regiões de condições climáticas diferentes.

Materiais e métodos

O texto aqui apresentado constitui parte de um estudo das características mensuráveis e não mensuráveis da arquitetura da casa. É baseado em uma pesquisa qualitativa, a qual permite um nível de entendimento e interpretação que nem sempre consegue ser atingido por outros métodos. Em um estudo qualitativo, o contexto conceitual apre-

senta quatro princípios básicos, como Maxwell (1996) sugere: o conhecimento pessoal, as teorias e pesquisas existentes, pesquisas piloto e exploratórias e experimentos planejados.

Vale reafirmar que a motivação para esta pesquisa não é descobrir um novo elemento ambiental e comportamental dentro do aspecto das observações interculturais, mas, sim, aumentar a consciência e clarificar o entendimento de um fenômeno. Segundo Jon Lang (1987), todos os projetistas têm a responsabilidade de saber tanto quanto for possível sobre a relação entre o comportamento humano, em todas as dimensões, e o ambiente construído. Dessa forma, eles podem participar da discussão sobre o programa comportamental e as vantagens e limitações nas opções de desenho, para fazer uso delas.

Seguindo Marshall e Rossman (1999), esta pesquisa é semi-estruturada, pois apresenta um formato que evolui durante o processo de pesquisa e proporciona uma estrutura flexível de desenho.

Questão pesquisada

A questão principal deste estudo contempla a forma da casa e as características relacionadas com observações interculturais: de que modo as escolhas individuais são influenciadas?

Seleção do universo

O universo desta pesquisa consiste em duas cidades nas quais residiu a pesquisadora: Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil e Columbia, Missouri, Estados Unidos da América. Algumas similaridades entre as duas cidades incluem a economia baseada na agricultura e a posição de cidades de porte médio, fortemente influenciadas por faculdades e universidades. As diferenças existentes entre as duas cidades dizem respeito à época de desenvolvimento e distintas características urbanas.

Dourados

O município de Dourados foi criado em 1935. O plano diretor da cidade foi aperfeiçoado nos anos 1970, quando Jaime Lerner, renomado urbanista, fez o planejamento da cidade, que já apresentava

linhas retas e avenidas largas (Gressler e Swensson, 1998). De acordo com o censo de 2000, a população estimada para 2004 é de 179.810 habitantes. O censo também aponta para um número de 45.176 casas próprias na cidade (<http://www.ibge.gov.br/>).

A topografia de Dourados é primordialmente plana. Existem poucos problemas com infiltração das águas das chuvas, pois o solo é profundo (latossolo). A cidade está situada no planalto meridional brasileiro. Na região de Dourados, a temperatura mediana anual é de 22°C no outono, e no verão as temperaturas são mais elevadas, com picos nos meses mais quentes (novembro até março), variando de 24°C a 26°C. A média da temperatura máxima oscila entre 30°C e 36°C; no inverno, a média da temperatura máxima oscila entre 15°C e 24°C, e a média das temperaturas mínimas abrange entre 8°C e 18°C. Temperaturas abaixo de zero podem ser esperadas durante a noite em não mais que 4 noites por ano (não consecutivas). A precipitação média anual é de 1.500 mm. A periodicidade é típica tropical, com precipitação média mensal de 250 mm durante o verão e com precipitação mínima de 50 mm no inverno. Mais de 70% das chuvas ocorrem de novembro a março. (http://www.inmet.gov.br/climatologia/combo_climatologia_1.html)

A cidade está posicionada a 430 metros acima do nível do mar e abrange uma área de 4.086 km², situada entre as latitudes 17° Norte e 24° Sul, e longitudes 50° Leste e 58° Oeste, criando rota de sol com inclinação próxima aos 90° em alguns períodos do ano. A economia de Dourados está baseada na agricultura, na pecuária e na prestação de serviços.

Columbia

A região em que se localiza a cidade de Columbia começou a ser povoada após o término da segunda Guerra contra o Reino Unido (1815); na época, era considerada a fronteira oeste dos Estados Unidos. A universidade do Missouri-Columbia é a mais antiga universidade ao oeste do rio Mississippi, conferindo títulos de Mestre e Doutor desde 1896. De acordo com o censo 2000, a população de Columbia era de 84.531 habitantes e foi estimada uma população de 88.534 para 2003, o que corresponde

a 4.125 pessoas por quilômetro quadrado. O censo de 2000 também indica que apenas 31,7% da população moram na mesma casa desde 1995, aproximadamente por 5 anos. A distância média da casa até o emprego dos residentes de Columbia é de 15,3 minutos. A cidade tem 35.916 casas (unidades residenciais), 47,3% delas próprias. Em 2000, o valor médio da casa própria era de \$118.500,00 dólares. No ano 2000, era 2,26 o número de moradores por casa. (<http://www.infoplease.com/us/census/data/missouri/columbia>). Atualmente, a economia da cidade é baseada na agricultura, nas instituições de ensino (universidade) e em instituições de saúde e comércio.

A topografia da cidade de Columbia é ondulada (montanhosa); o solo é raso e a camada de rochas é quase superficial em muitos pontos, o que cria alguns problemas de absorção e escoamento de água. Em Columbia, a temperatura mediana anual é de 12°C. A média de temperatura no mês mais quente (julho) varia de 19°C a 31°C; o mês mais frio é janeiro, com temperaturas médias variando entre -8°C e 3°C; contudo, com a umidade e a velocidade do vento, a temperatura pode facilmente chegar a -8°C, podendo permanecer abaixo de zero por mais de uma semana. A precipitação média anual é de 1.398 mm, distribuída entre 25 e 76 mm na média nos meses de inverno, atingindo a média de precipitação máxima de 127 mm no mês de maio (<http://www.wunderground.com>). A cidade está localizada a uma altitude de 271 m acima do nível do mar, entre as latitudes 17° Norte e 24° Sul e longitudes 50° Leste e 58° Oeste.

Amostragem

Foram adotados vários critérios para a seleção das casas amostradas.

Primeiramente, foram incluídas apenas residências que possuíssem família nuclear (pai, mãe, filhos). Para este estudo, a estrutura familiar foi muito importante, uma vez que se pressupõe que casas com outras composições possam ter diferentes usos e prioridades em sua forma.

Segundo, escolheu-se estudar casas próprias, unifamiliares, que abrigam uma única família. Presumiu-se que esta é a maneira de morar que pos-

sibilita o arranjo da forma que se aproxima mais do desejo dos proprietários, diferentemente de casas alugadas ou prédios de apartamentos.

Terceiro, limitou-se o estudo para casas construídas após 1990. A limitação quanto ao período de construção busca emoldurar as construções em suas tendências arquitetônicas, assim como materiais, componentes, uso e necessidades, e estilo de vida dos ocupantes.

Quarto, procurou-se seguir um padrão de área quadrada da construção, preço, e número de quartos. Esses parâmetros foram utilizados como guia, e não como critério rígido para exclusão. Buscou-se não estudar extremos (muito rico, ou muito pobre), por entender que ambos, com suas leis de sobrevivência básica ou de extravagância, seriam inapropriados para esta pesquisa. Entende-se, também, que o preço da casa não necessariamente classifica a classe social e estilo de vida dos moradores; ele reflete apenas o grau em que o investimento em uma casa própria é prioritário para determinada família. Adicionalmente, o valor da casa pode ser influenciado por uma série de outros fatores, como localização, materiais de acabamento, eletrodomésticos quando incluídos, entre outros que podem camuflar o valor pago.

Conseqüentemente, esse grupo de características possivelmente irá minimizar os erros em um estudo com aspecto intercultural. Entretanto, Jon Lang (1987) (citando Chapman, 1955 e Feldman & Tilly, 1960), enfatizou que muitos desenhos de casas do ocidente tendem hoje a refletir o status social de seus habitantes, tanto em termos de espaço como de estética. Não existe uma correlação positiva completa entre as duas variáveis, porque valores sociais também moldam a escolha da forma de morar. Desse modo, algumas pessoas de alta posição social podem escolher o que é normalmente esperado para uma classe social mais baixa dentro de seu grupo cultural, enquanto pessoas de menor poder aquisitivo podem gastar um valor desproporcional de seus ganhos – dadas as normas sociais – em casas de padrão econômico superior.

Seleção dos participantes

Como a grande maioria das casas oferecidas no mercado imobiliário de Columbia é de casas de

especulação ou casas usadas, escolheu-se entrevistar não apenas proprietários, mas também agentes imobiliários e empresários da construção. Os empresários da construção foram selecionados a partir de canteiros de obra em novos loteamentos. Casas com parâmetros iguais aos do projeto foram escolhidas e listadas e os empresários foram posteriormente contatados. Os proprietários foram indicados por amigos.

Ao entrevistar agentes imobiliários e empresários da construção, assume-se que um número maior de opiniões de proprietários tenha sido ouvido, mesmo que indiretamente, considerando toda a experiência destes profissionais em atender às exigências do mercado e dos seus clientes.

Para os padrões brasileiros, exige-se que toda construção tenha o acompanhamento de um arquiteto e/ou engenheiro, e os empresários da construção não participam do projeto da obra. Portanto, para os participantes da cidade de Dourados, escolheram-se os proprietários, arquitetos, engenheiros e agentes imobiliários.

Os proprietários foram indicados por amigos e foram selecionados conforme os critérios da pesquisa, tentando englobar um maior número de bairros. Os agentes imobiliários foram selecionados de forma a incluir diferentes imobiliárias da cidade, com gênero e tempo de experiência variados.

Com mais de uma categoria de pessoas entrevistadas nas duas cidades, também se reforça o processo de triangulação da origem dos dados, o que aumenta a confiabilidade dos resultados.

Coleta de dados

Os dados e as informações foram coletados através de entrevistas, observações, fotografias e análise de plantas baixas.

Entrevistas

Em cumprimento aos requisitos legais e para assegurar a integridade dos entrevistados, o estudo foi primeiramente submetido e aprovado pela banca examinadora da universidade (*University of Missouri Institutional Review Board* - IRB). Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento exi-

Característica	Columbia	Dourados
Famílias proprietárias	7*	7**
Agentes Imobiliários	7	2
Empresários da construção	5	–
Arquitetos/engenheiros	–	3
Total de entrevistados	19	12

Figura 1: Características demográficas dos participantes.

* Famílias incluindo filhos nas seguintes categorias de faixa etária representada por classificação escolar: 5-pré-escola até a quinta série; 1-entre quinta e oitava séries; 1-escola secundária/universitário.

** Famílias incluindo filhos nas seguintes categorias de faixa etária representada por classificação escolar: 2-pré-escola até a quinta série; 0-entre quinta e oitava séries; 5-escola secundária/universitário.

gido pelo IRB. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas (traduzidas quando respondidas em português).

As entrevistas em Columbia foram realizadas no canteiro de obras, nas casas e nos escritórios dos agentes imobiliários. Essas entrevistas duraram em média uma hora e foram baseadas em um questionário semi-estruturado com perguntas abertas, formato que oferece flexibilidade ao entrevistado.

Em Dourados, as entrevistas com os proprietários ocorreram nas próprias residências. Agentes imobiliários, engenheiros e arquitetos foram entrevistados em seus respectivos escritórios, sendo que para cada um foi solicitado que escolhesse um ou mais projetos que poderiam melhor exemplificar suas idéias. As entrevistas também tiveram duração de aproximadamente uma hora e tiveram a mesma estrutura com relação às perguntas.

A característica demográfica final dos participantes está representada na Figura 1.

Observações em Columbia

A fase de observação, para as residências em que o proprietário fora entrevistado, ocorreu após a entrevista ter sido finalizada. Essa fase consistiu em um *tour* pela casa, quando os comentários foram gravados e as fotos foram tiradas. Dois proprietários tiveram as entrevistas realizadas em seus locais de trabalho, e o *tour* foi agendado para outro momento. Para os empresários da construção, as perguntas foram feitas durante o *tour* na obra, e

as fotos foram tiradas após o término desse *tour*. Uma vez que os agentes imobiliários foram entrevistados em seus escritórios, pediu-se que selecionassem um projeto que melhor descrevesse suas idéias.

Observações em Dourados

A observação nas casas dos proprietários seguiu o mesmo processo realizado em Columbia. Apenas um proprietário não respondeu à entrevista em casa. Para os agentes imobiliários, engenheiros, e arquitetos, as entrevistas foram realizadas em seus escritórios, e as observações foram feitas, na maioria, através de fotos e projetos existentes.

Plantas baixas (projeto)

Algumas plantas baixas estavam disponíveis e foram utilizadas na pesquisa. Alguns proprietários não possuíam a planta baixa; dessa forma, um rascunho (croqui) da distribuição da casa foi feito. As plantas baixas foram utilizadas também para sustentar o conteúdo das entrevistas.

Análise de dados

A fase organizacional e descritiva da análise de dados incluiu alguns procedimentos. A primeira envolveu a transcrição das entrevistas gravadas. Uma vez os dados organizados, começou a ser feita a codificação das informações. Como Maxwell (1996) sugeriu, para identificação de parâmetros ou temas, a dimensionalização (Strauss & Corbin, 1990) foi administrada. Conseqüentemente, o segundo

aspecto compreende a busca por parâmetros (categorias) nos projetos. O terceiro passo inclui a ligação entre as transcrições das entrevistas com as fotos que ilustram as idéias, juntamente com os projetos. O quarto processo da análise é a interpretação em que, de acordo com Tofle e Schwarz (comunicação pessoal, 30 de novembro de 2004), a importância é anexada às descobertas e a pesquisa oferece explicações, tira conclusões, extrapolações, faz suposições, constrói ligações, adereça significado, coloca ordem, lida com explicações rivais, e descarta dados irregulares como parte da verificação de sua validade (Patton, 1990).

Resultados e discussão

Este estudo abrange muitos elementos envolvidos na forma da casa; entretanto, é importante considerar o comentário de Altman and Chemers (1984), que trata de diferentes estudos sobre casas ao redor do mundo. Segundo eles, o desenho da casa revela muitas coisas: fatores climatológicos e ambientais; o nível de recursos tecnológicos disponíveis para uma sociedade; a estrutura da família e funções pertencentes aos relacionamentos entre membros; religião, cosmologia, e compreensão do mundo de uma sociedade. Como a parábola do homem cego tocando as diferentes partes de um elefante, na qual ele proclamava, para cada parte que tocava, estar sentindo o “verdadeiro elefante”, da mesma forma, não há uma forma “correta” de se entender a relação entre casa e o elo ambiente/cultural. A casa reflete, simultaneamente, muitas faces da relação com a cultura/ambiente, em que, para cada um, é correto algum nível de análise, mas cada qual também falha se observado sozinho.

Neste artigo, abordar-se-á apenas o que influencia a escolha individual com relação à preferência na forma da casa.

O que influencia a forma da casa?

Pode-se afirmar que a forma da casa não é apenas determinada por um único fator, mas por múltiplos fatores interligados, em que a escolha do ser humano cria a exclusividade (*uniqueness*) com relação ao grupo cultural. Esta pesquisa sugere que as diferenças na forma da casa são basicamente

influenciadas pela segurança, topografia, clima, e uso da casa (definição na organização do espaço doméstico).

Por exemplo, as questões de segurança irão influenciar a fachada e estética da casa. Em Columbia, as casas pesquisadas são construídas sem muros, de forma que é permitido ver pelas janelas de vidro partes do interior das casas, conforme desejo do proprietário. Janelas expostas com cortinas abertas criam uma sensação de aconchego para os que transitam na vizinhança em frente a essas casas. Ao anoitecer, abajures acesos e apenas pontos de luz no interior da casa dão uma sensação de serenidade ao ambiente. Por outro lado, a falta de cerca nos jardins não cria uma clara distinção entre público e privado, nos arredores da casa, o que, agregado à dependência ao controle térmico, afeta drasticamente a apropriação e o uso ou desuso destas áreas por parte dos moradores, segundo alguns relatos.

Na cidade de Dourados, é possível observar, nas casas pesquisadas, que os interiores são menos expostos aos que passam pelas ruas; muros e cercas altas, ainda com cercas elétricas, porteiros eletrônicos e câmeras de vigilância, dão um ar austero às habitações. Por outro lado, os jardins das residências são muito usados. A clausura criada pelos muros distingue claramente os espaços públicos dos espaços privados, onde as crianças podem brincar “livremente”, e a apropriação do local é quase que natural.

Nas duas cidades, os entrevistados citaram com freqüência o desejo de conexão com a natureza. Na opinião dos respondentes de Dourados, o quintal, com sua varanda, assim como janelas amplas, são os itens que atendem a essa solicitação, mesmo que limitados entre muros no espaço do terreno. Para os proprietários consultados em Columbia, o desejo mais comum é ter um bosque em seu quintal, mesmo sendo este um local público, com trilhas ou parques. Em Dourados, terrenos vizinhos baldios, bem como parques públicos, são vistos como pontos de insegurança, locais que facilitam a ação de ladrões, enquanto os moradores de Columbia pagarão a mais por casas em terrenos com tais características.

As amostras pesquisadas, nas duas cidades, indicam que a rotina e os horários dos moradores da casa baseiam-se nos horários impostos pelo período escolar. Aparentemente, as crianças de Columbia passam menos tempo em suas residências do que as crianças de Dourados. Nos Estados Unidos, em sua grande maioria, o período escolar é das 08h30min até às 15h30min, o que representa, no mínimo, crianças fora de casa por mais de sete horas diárias. As crianças, em Dourados, se não estiverem matriculadas em atividades extracurriculares, ficarão apenas quatro horas distantes de suas casas. Adicionalmente, as atividades diárias e a tradição, para os douradenses consultados, permitem e encorajam os familiares a se reunirem para fazer refeições. Baseando-se na conclusão de Rapoport (1982 a), ter um local onde as pessoas se reúnam para fazer suas refeições é uma das mais antigas explicações para a origem da casa.

Aliando-se outros fatores, como as questões econômicas, oferta de emprego, construção de casas sob encomenda (personalizadas), proximidade e conexão com familiares, leva-se a questionar se o apego ao local (*place attachment*) assim como o significado da casa terão conotações diferentes entre as duas cidades. De acordo com Brent e Schwarz (1995), a passagem do tempo parece ser central no processo do desenvolvimento do apego ao local.

A posição social da mulher aparece refletida na forma da casa quando ligada à capacidade da mulher em ser livre da domesticidade. Como já mencionado, nos Estados Unidos, as mulheres foram libertadas do serviço doméstico quando empurradas para o mercado de trabalho durante a segunda guerra mundial, enquanto as mulheres da classe média brasileira apenas foram libertadas quando encontraram uma substituta (a empregada) para as suas funções. A estrutura familiar, com sua relação de obrigações e responsabilidades, contudo, não foi alterada. Howell e Tentokali (1989) comentam que cada sociedade interpreta as transações entre os moradores no espaço de acordo com uma herança cultural de expectativas. De tempos em tempos, essa herança cultural é confrontada com novos modelos de espaço e comportamentos es-

perados, os quais podem ser testados e aceitos ou rejeitados.

Em Dourados, devido às questões culturais e econômicas, famílias de classe média podem contar com a ajuda de uma empregada doméstica, o que possibilita os encontros familiares durante o almoço. Ter uma empregada em casa também possibilita que as crianças permaneçam em casa fora do período escolar. Provavelmente, por esta ser uma prática comum e não tão dispendiosa no Brasil, existem poucas escolas ou creches (para famílias de classe média) preparadas para receber e atender as crianças em tempo integral (das 07h00min às 18h00min). Ter uma empregada diariamente também irá influenciar a forma da casa e dos cômodos com relação à sua distribuição, e a relação entre espaços privados, de trabalho e social. Algumas áreas terão diferente apropriação por membros da família, dependendo de quem as usa e para que sejam usadas.

Em contraste com a tradição brasileira, a distribuição aberta, com as poucas divisões existentes na casa norte-americana, sugere a existência de uma relação menos hierárquica e definida com relação às tarefas domésticas e quem as executa. Sem a ajuda por parte de uma empregada doméstica, as diferenças encontradas na casa serão baseadas basicamente no parâmetro gênero/idade. Os horários escolares, bem como a existência de uma rede facilitadora de creches e berçários, acabam por fazer com que poucos moradores retornem para suas casas no período do almoço. Pode-se afirmar que menos tempo em casa significa menos para ser limpo. Também existe tecnologia acessível e disponível, auxiliando nas tarefas domésticas. Conseqüentemente, segundo a amostra consultada, nas casas em Columbia, espaços como a cozinha podem ser de domínio masculino ou feminino, quando, em Dourados, é quase unânime um espaço feminino. A lavanderia, nas casas em Columbia, é situada, preferencialmente, de acordo com o menor percurso entre onde se encontra a roupa suja e onde é guardada a roupa limpa; respectivamente, nas casas brasileiras (Dourados), a lavanderia é considerada área de serviço e fica posicionada na casa no local que reflete essa classificação. Lemos (1978, 1996) sugere que a área

de serviço, atualmente existente nas casas brasileiras, ocorreu, primeiramente, como resultado de condições climáticas e evoluiu, posteriormente, para a distinção na divisão social das funções e seus ocupantes, registrada em diferentes espaços da casa.

Pode-se dizer que, por influência climática, as casas de Dourados apresentam grandes áreas de varanda, que protegem a casa e os moradores do contato direto do sol e de chuvas, permitindo ventilação natural mesmo em dias chuvosos ao interior das casas. Também é função das varandas serem local social, integrando o jardim do fundo das casas. Com a topografia plana, a varanda dos fundos é o local da churrasqueira, da reunião nos finais de semana.

Em Columbia, segundo os entrevistados, quando a topografia do lote permite, é dada preferência ao porão. Uma das primeiras funções do porão é de abrigo contra tornados, que são muito comuns na região. Atualmente, o porão, que na grande maioria das vezes dá acesso ao jardim, é utilizado como um espaço familiar extra, ou espaço de recreação das crianças. Devido à grande oscilação da temperatura (com quatro estações bem definidas), os entrevistados admitem que os jardins são pouco utilizados.

Basicamente, as diferenças nas características da topografia irão influenciar o desenho e a distribuição das casas.

Conclusão

A escolha pessoal e os fatores socioculturais são as principais influências na forma da casa; entretanto, no mundo moderno, pode-se ressaltar que o modelo formal da casa é amplamente difundido através dos meios de comunicação. Forças e pressões, como leis e regulamentações também operam na decisão pessoal e nas escolhas de um grupo.

Inúmeros estudiosos têm pesquisado o significado, uso, e a necessidade de casas, considerando diferentes grupos culturais. De fato, o conceito “casa” é um campo fértil e abundante que pode ser visto sob diversas perspectivas, como filosófica, sociológica, antropológica, entre outras. Espa-

lhadas pelo globo através dos tempos, as casas podem ser encontradas em todo momento e em todo local onde a espécie humana esteve presente. A maioria dos estudiosos concorda que a casa não apenas é o local físico mais central do ser humano, mas que ela difere na sua forma e organização através das culturas.

A questão principal desta pesquisa estava relacionada com os elementos mensuráveis e não mensuráveis que estão envolvidos na descrição de uma “boa casa”, para as pessoas que residem em Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil e pessoas que residem em Columbia, Missouri, Estados Unidos.

O que influencia a forma da casa? O que pode interferir na escolha humana? Quais são os elementos que residentes de diferentes cidades e países descrevem como essenciais em suas casas?

Baseando-se na literatura existente, definiu-se que a forma da casa é influenciada, primeiramente, pelas relações socioculturais, seguidas por tecnologia e materiais existentes e pelas condições climáticas. No decorrer deste trabalho, também se relatam tais elementos, mas como se podem caracterizar fatores socioculturais nesta pesquisa?

Fatores socioculturais

Um dos fatores socioculturais encontrado foi a posição da mulher perante a sociedade; suas conquistas e ou submissão serão refletidos na forma da casa. Rapoport (1969) faz referência à extrema necessidade de privacidade em algumas culturas nas quais as mulheres são enclausuradas. Pode-se dizer que, em Dourados (Brasil), ainda se tem uma sociedade machista, e que as barreiras (preconceitos) entre homens e mulheres se encontram de forma sutil, na forma de oportunidades de emprego, e nas responsabilidades da casa, que ainda são bem definidas. Em Columbia (EUA), também se podem encontrar diferenças sutis entre gêneros; entretanto, percebe-se que a responsabilidade dos afazeres domésticos é menos hierarquizada e/ou distribuída de forma menos preconceituosa.

Pode-se mencionar que este estudo foi baseado em famílias de composição similar para as duas cidades (i.e., monogâmicas, nucleares), e que foi

possível minimizar as diferenças culturais nas estruturas familiares. Entretanto, descobertas a respeito das interrelações existentes entre membros da família, hierarquia familiar, composição familiar, privacidade e territorialidade existentes na casa pareceram ser diferentes, necessitando de um estudo mais aprofundado sobre o tema. Sendo as entrevistas realizadas entre residentes baseada em famílias (pai, mãe, filhos), encontrou-se: nas sete entrevistas realizadas em Columbia, apenas uma família possuía filhos em idade universitária, e nas sete famílias entrevistadas em Dourados, quatro apresentaram filhos em idade universitária. Com isso, concluiu-se que os parâmetros de comportamento encontrados entre membros nas famílias douradenses não puderam ser observados nas famílias em Columbia. O número de amostras não foi representativo para comprovar as diferentes relações existentes entre membros da família.

Outro fator sociocultural que foi definido se refere à intervenção do Estado em itens como financiamentos e segurança. As diferenças econômicas encontradas entre os dois países contribuem para os aspectos de preço e/ou mobilidade da casa, não apenas pelas perspectivas de emprego, mas também com relação ao apego dos residentes a suas casas, vendo ou não a casa como uma *commodity*. Em Columbia, o desenvolvimento de novos bairros suburbanos está diretamente relacionado com o fácil acesso por vias pavimentadas e com a manutenção do entremeado de áreas verdes e de lazer na cidade. Em Dourados, o fator segurança drasticamente influencia a forma da casa. Vêem-se muros altos com cercas elétricas e casas muito próximas umas das outras; não se deseja como vizinho terreno baldio ou local público aberto.

Outros fatores que influenciam a forma da casa

Acredita-se que a tecnologia e materiais existentes se equiparam nos dois países. O que difere é o acesso a essa tecnologia e/ou materiais em questão (*affordability*). Da mesma forma, a escolha dos materiais poderia representar também tradição e status. Em termos de tradição, em geral as pessoas escolhem o material usado em suas casas com base em seu conhecimento – eles já sabem como interagir

com o material em questão (como instalar, limpar, repor, e usar). Novas tecnologias podem ser adotadas com diferentes propósitos, dependendo da definição de necessidade do proprietário. Rapoport (1969) enfatiza que hoje forças e pressões são muito mais complexas, que a era presente possui reduzidas limitações físicas. As limitações na escolha dos materiais necessitam de futuros estudos.

Alguns materiais irão influenciar a casa em sua fase de construção, o processo de acabamento, ou a forma de manutenção e limpeza. A seleção do material irá diferenciar a aparência estética encontrada nas duas cidades pesquisadas, porém, pouco influenciam na distribuição interna da casa. Pode-se dizer que a estrutura de madeira, encontrada nas casas em Columbia, oferece mais flexibilidade e plasticidade no uso. Entretanto, as casas seguem um modelo mais tradicional que limitam as diferentes possibilidades. As coberturas (mantas) asfálticas encontradas em Columbia possibilitam a criação de diversas formas de recortes nos telhados; diferentemente das telhas de barro encontradas em Dourados, que tendem a seguir um padrão de acordo com o tipo de telha e a inclinação do telhado.

O clima, por si só, não parece ser o fator principal de influência na forma da casa. O efeito climático na forma da casa faz sentido apenas quando combinado com a escolha do material e uso da casa. Rapoport (1969) afirma que o clima e os materiais escolhidos apenas influenciam a forma da casa através de um grupo social e sua interpretação de conforto, através da tolerância ou intolerância a determinadas fatores (cheiro, luz, temperatura). Agregam-se a esses fatores o acesso a equipamentos disponíveis e métodos de construção; dessa forma, se apresenta a influência climática na forma das casas.

Concluindo, pode-se afirmar que a principal influência na forma da casa é a escolha humana situada em um grupo social de regras. No estudo apresentado, a segurança, a facilidade de troca de casa em diferentes estágios familiares, e a hierarquia existente na responsabilidade dos afazeres domésticos foram os itens que mais se destacaram.

Referências Bibliográficas

- ALÍ, S. H., Influxo cultural dos EEUU no Terceiro Mundo. Agenda Latinoamericana 2002. Acessado em: 30 maio 2007. Disponível em:
- <http://latinoamericana.org:80/2002/textos/portugues/SyedPort.htm>
- ALTMAN, I. & CHEMERS, M. Culture and Environment. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1984.
- ARIAS, E. G. (Ed.). The Meaning and Use of Housing: International Perspectives, Approaches and Their Applications. Aldershot, UK; Brookfield, VT: Avebury, 1993.
- BARBEY, G. Spatial archetypes and experience of time: Identifying the dimensions of home. In: E. G. ARIAS (Ed.). The Meaning and Use of Housing: International Perspectives, Approaches and Their Applications (pp. 103–116). Aldershot, UK; Brookfield, VT: Avebury, 1993.
- BERNARD, Y., BONNES, M. & GIULIANI, M. V. The interior use of home: Behavior principles across and within European cultures. In: E. G. ARIAS (Ed.), The Meaning and Use of Housing: International Perspectives, Approaches and Their Applications (pp. 81–101). Aldershot, UK; Brookfield, VT: Avebury, 1993.
- BIRCH, E. L. The history of housing. In L. Taylor (Ed.), Housing: Symbol, Structure, Site (pp. 10–11). New York: Cooper-Hewitt Museum, 1982.
- BREBNER, J. Environmental Psychology in Building Design. London: Applied Science Publisher, 1982.
- BRENT, R. & SCHWARZ, B. (Eds.). Popular American Housing: A Reference Guide. Westport, CT: Greenwood Publishing, 1995.
- BROWN, B.B. Territoriality. In: D. STOKOLS, I. ALTMAN (Ed.), Handbook of environmental psychology (pp. 505–532). New York: Wiley, 1987.
- COHEN, U. & WEISMAN, G. D. Holding on to Home: Designing Environments for People with Dementia. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.
- DESPRES, C. The meaning of home: Literature review and directions for future research and theoretical development. Journal of Architecture and Planning Research, 8 (2), 96-111, 1991.
- FRANCESCATO, G. Meaning and use: A conceptual basis. In: E. G. ARIAS (Ed.). The Meaning and Use Of Housing: International Perspectives, Approaches and Their Applications (pp. 35–49). Aldershot, UK; Brookfield, VT: Avebury, 1993.
- FRANCK, K. A. Women and environment. In: R. BECHTEL & A. CHURCHMAN (Eds.). Handbook of Environmental Psychology (pp. 347–362). New York: Wiley, 2002.
- GARDINER, P. Housing and gender: Beyond the public/private dichotomy. In: H. C. GRESSLER, L. A. Introdução à Pesquisa: Projetos e Relatórios (2nd ed.). São Paulo, Brazil: Loyola, 2004.
- GRESSLER, L. A., & SWENSSON, L. J. Aspectos Históricos do Povoamento e da Colonização do Mato Grosso do Sul: Destaque Especial ao Município de Dourados. Dourados, Brazil: Author, 1998.
- HOWELL, S. C., & TENTOKALI, V. Domestic privacy: gender, culture, and development issues. In: S. M. LOW & E. CHAMBERS (Eds.), Amos Rapoport (foreword). Housing, Culture, and Design: A Comparative Perspective (pp. 281–300). Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.
- INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. Acessado em: 9 mar. 2006. Disponível em: http://www.inmet.gov.br/climatologia/combo_climatologia_l.html.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Census). Acessado em: 29 abr. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>.
- LANG, J. Creating Architectural Theory: The Role of Behavioral Sciences in Environmental Design. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.
- LOW, S. M. & CHAMBERS, E. Housing, Culture, and Design: A Comparative Perspective. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.
- LEMONS, C. A. C. Cozinhas, Etc. São Paulo, Brazil: Perspectiva, 1978.
- LEMONS, C. A. C. História da Casa Brasileira (1st ed.). São Paulo, Brazil: Contexto, 1996.
- MARSHALL, C. & ROSSMAN, G. B. Designing Qualitative Research. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1999.
- MAXWELL, J. A. Qualitative Research Design: An Interactive Approach. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1996.
- MEYROWITZ, J. No Sense of Place: The Impact of Electronic Media on Social Behavior. New York: Oxford University Press, 1985.
- MELO, H. P. O serviço doméstico remunerado no Brasil: De criadas a trabalhadoras, 1988. Acessado em: 9 Mar. 2006. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/td0565.pdf>.
- PATTON, M. Q. Qualitative Evaluation and Research Methods (2nd ed.). Newbury Park, CA: Sage Publications, 1990.
- PERLMUTTER, A. H., Inc. (Producer). Consuming images [Television series episode]. In: THE PUBLIC MIND: IMAGE AND REALITY IN AMERICA. Public Broadcasting Service, 1989.
- QUICK Facts From the U.S. Census Bureau: Columbia, Missouri. Acessado em: 5 fev. 2006. Disponível em: <http://www.infoplease.com/us/census/data/missouri/columbia/>.
- RAPOPORT, A. House Form and Culture. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1969.
- RAPOPORT, A. Housing and culture. In: L. TAYLOR (Ed.), Housing: Symbol, Structure, Site (pp. 14–15). New York: Cooper-Hewitt Museum, 1982.

- RELPH, E. Modernity and the Reclamation of Place. In: D. SEAMON (Ed.), *Dwelling, Seeing, and Designing: Toward A Phenomenological Ecology*. Albany: State University of New York Press, 1993.
- SANTOS, G. R. R., MESQUITA, P. L. & DELAB, R. A. (n.d.). *Entre a Casa & a Rua: a Relação Entre Patrões e Empregadas Domésticas*. Acessado em: 5 fev. 2006. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/ENTREACASA2.html>.
- SAUNDERS, P. The meaning of 'home' in contemporary English culture. *Housing Studies* 4(3):177-192, 1989.
- STRAUSS, A. L. & CORBIN, J. *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques*. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1990.
- U.S. CENSUS BUREAU. *American Housing Survey for the United States: 2001*. Acessado em: 9 Mar. 2006. Disponível em: <http://www.census.gov/prod/2002pubs/h150-01.pdf>.
- VERISSIMO, F. S. & BITTAR, W. S. M. *500 Anos da Casa no Brasil*. Rio de Janeiro, Brazil: Ediouro, 1999.
- WRIGHT, G. Family patterns. In: L. TAYLOR (Ed.), *Housing: Symbol, Structure, Site* (pp. 52-53). New York: Cooper-Hewitt Museum, 1982.
- WUNDERGROUND home page. Acessado em: 9 mar. 2006. Disponível em: <http://www.wunderground.com>.